

## Genealogia de um plano meta de pensabilidade

Resenha de Monah Winograd, *Genealogia do Sujeito Freudiano*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, 126 p.

Na apresentação do livro de Monah Winograd, *Genealogia do Sujeito Freudiano*, Luiz Alfredo Garcia-Roza recomenda sua leitura a todos aqueles que se interessam pela psicanálise. A recomendação feita por Garcia-Roza é válida, não resta dúvida. Afinal, o título do livro já nos remete à psicanálise. Todavia, esta recomendação poderia muito bem ser estendida a todos aqueles que se interessam pelas psicologias profundas (compreendidas aqui todas as linhas de psicologia que operam seus saberes a partir da suposição da existência de um inconsciente dinâmico-economicamente ativo, tais como a psicologia analítica, a psicologia reichiana, ... além da psicanálise). Vejamos por quê.

O primeiro contato com o livro é agradável. Pouco mais de cento e vinte páginas são o suficiente para animar mesmo um leitor preguiçoso como eu. O segundo passo – a leitura do sumário – já permite antever o percurso do trabalho: do “velho e ultrapassado” *cogito* cartesiano ao “moderníssimo” devir sujeito filosófico-psicanalítico. As ilusões de que a leitura será rápida, fácil e óbvia, se desfazem logo na introdução. Nela, a autora expõe seu ponto de vista a respeito da psicanálise: *um plano de pensabilidade*, povoado de conceitos próprios a esse plano, mas que se articula, *se avizinha*, a outros planos e outros conceitos.

Este avizinhamiento entre “diferentes” planos de pensabilidade, já nos chama a atenção de uma maneira especial. Os diferentes campos de conhecimento (filosofia, antropologia, psicologia, sociologia...) apresentam diferentes recortes de um mesmo fenômeno: o animal humano. E mesmo dentro de um campo de conhecimento, sabemos, existem diferentes abordagens interpretativas. Pois bem. Esta noção de avizinhamiento nos permite conceber a possibilidade de justaposições de partes de diferentes campos

e abordagens a respeito de um mesmo tema. Dessa forma, cada campo amplia suas possibilidades de compreensão e atuação, sem necessidade de disputa de territórios.

Esta postura diante da psicanálise – de considerá-la como uma entre outras possibilidades de se pensar, no caso, o conceito de sujeito – merece ser destacada e pode ser estendida para qualquer linha de psicologia profunda. Pois, não é raro encontrarmos autores que se esquecem deste “detalhe” e acabam naturalizando e universalizando a psicanálise. Para citar um exemplo, lembremos do excelente trabalho do filósofo J. P. Vernant – *Édipo sem complexo* – criticando a naturalização e universalização atemporal do complexo de Édipo.

Um outro aspecto do trabalho que merece destaque – embora não seja esta a preocupação central da autora – é o resgate do pensamento de Descartes. Muitas vezes ouvimos e aplicamos o termo *cartesiano* em tom pejorativo. Aqui Monah desfaz o preconceito a respeito e elucida por que o *cogito* cartesiano é um marco referencial para a filosofia moderna ocidental. Adiante ela também irá explicitar que a montagem do conceito de sujeito em psicaná-

lise (o objetivo de seu estudo) não é uma simples soma dos conceitos de sujeito concebidos ao longo da história do pensamento humano. Em suas palavras: “De Descartes a Kant não se deve supor uma evolução do pensamento na qual, ao sistema anterior, acrescentaram-se novos aspectos. A crítica kantiana mostra estarmos diante de um novo plano que coloca problemas impensáveis a partir do *cogito* cartesiano” (pp. 48-49).

Se o conceito de sujeito, por exemplo, em psicanálise, não é a simples soma de conceitos de sujeito anteriores, por outro lado também não é a negação pura e simples desses conceitos. O *cogito* não deixa de existir simplesmente porque Kant ou Freud assim o desejam. Um novo conceito de sujeito deve ser formulado porque o anterior não responde aos novos questionamentos, seja de Kant (espaço-tempo), seja de Freud (inconsciente e pulsão). Em suma, para além do *sujeito* estudado por Monah, o que agrada no texto é a forma de pensar e abordar o tema.

Se Freud inaugura um novo plano de pensabilidade – a psicanálise – para a noção de sujeito, a partir de novas questões (sobretudo as noções de inconsciente e pulsão, como ressalta a autora), nem por isso rompe e deixa de se articular com outros planos. É o caso de lembrarmos aqui, não só da articulação feita no texto entre os conceitos de desejo em Hegel e Freud, como também do

diálogo aberto por Freud com o pensamento de Nietzsche a respeito do Id.

Um último ponto a ser ressaltado, embora existam vários outros, é a revalorização do conceito de pulsão. Todo um capítulo é dedicado ao estudo deste conceito fundamental da teoria freudiana. O que está em jogo no texto, e esta é a conclusão da autora, é o sujeito como devir, é o sujeito e seu ato, irreduzível ao inconsciente ou ao campo de representações” (p. 115). Porém, o que está nos bastidores deste jogo, aquilo que, nas palavras da autora, é “condição de possibilidade do inconsciente” (p. 115), é exatamente o campo pulsional. Nesses termos, ao resgatar o campo pulsional, Monah recupera aquilo que possibilita e inaugura o plano de pensabilidade freudiano, presente desde a *Interpretação dos Sonhos* e os *Três Ensaios*.

Antes de encerrar esta pequena resenha que tem como objetivo despertar a curiosidade do leitor para aquilo que pode ser pensado a partir do texto, é preciso atentar para o seguinte ponto: cento e vinte páginas, assim como cinco mil horas de divã, são medidas meramente quantitativas. A qualidade e a intensidade de conexões estabelecidas – seja um texto, seja uma análise, sejam neurônios em um cérebro – é o que determina a riqueza de uma experiência. E isto o trabalho de Monah tem de sobra. Cabe ao leitor captá-las e estabelecer novas conexões.

Finalizando, para além da genealogia do sujeito freudiano, há no livro um percurso, um método de pensamento que pode muito bem servir de plano meta de pensabilidade para qualquer linha de psicologia profunda.

**Cláudio Mello Wagner** é psicólogo e doutor em psicologia clínica (PUC-SP), psicoterapeuta reichiano, membro do movimento R-76: ação e prevenção em saúde psicorporal, autor dos livros: *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* e *Futebol e orgasmo* (Summus Editorial).